

*Patricia Hill Collins*  
PATRICIA HILL COLLINS

# PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO

CONHECIMENTO, CONSCIÊNCIA  
E A POLÍTICA DO EMPODERAMENTO

Tradução: Jamille Pinheiro Dias



*Direção editorial* Ivana Jinkings  
*Edição* André Albert  
*Assistência editorial* Artur Renzo e Carolina Mercês  
*Tradução* Jamille Pinheiro Dias  
*Consultoria* Isabela Venturoza, Silvana de Souza Nascimento  
e Winnie Bueno  
*Preparação* Mariana Echalar  
*Revisão* Mariana Zanini  
*Coordenação de produção* Livia Campos  
*Capa* Flávia Bomfim  
*Diagramação* Antonio Kehl

*Equipe de apoio:* Ana Carolina Meira, Andréa Bruno, Bibiana Leme, Clarissa Bongiovanni,  
Débora Rodrigues, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Isabella Marcatti,  
Ivam Oliveira, Joanes Sales, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marlene Baptista,  
Maurício Barbosa, Raí Alves, Talita Lima, Tulio Candiotto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C674p  
Collins, Patricia Hill  
Pensamento feminista negro : conhecimento, consciência e a política do empoderamento /  
Patricia Hill Collins ; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2019.  
Tradução de: Black feminist thought : knowledge, consciousness and the politics of  
empowerment  
Inclui bibliografia e índice  
ISBN 978-85-7559-707-1  
1. Feminismo - Estados Unidos. 2. Feministas negras - Estados Unidos. 3. Negras -  
Estados Unidos - Atividades políticas. 4. Negras - Identidade racial - Estados Unidos. I. Dias,  
Jamille Pinheiro. II. Título.  
19-56966 CDD: 305.420973  
CDU: 316.347-055.2(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

 Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério  
Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da  
publicação é responsabilidade exclusiva da editora e não representa necessariamente a posição da FRL

Esta edição contou com apoio da Fundação Lauro Campos e Marielle Franco.

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: julho de 2019

BOITEMPO  
Jinkings Editores Associados Ltda.  
Rua Pereira Leite, 373  
05442-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285  
editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br  
www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo  
www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA .....	11
PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1990) .....	15
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO (2000) .....	21
PARTE I – A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO .....	27
1. A política do pensamento feminista negro .....	29
2. Características distintivas do pensamento feminista negro .....	61
PARTE II – TEMAS CENTRAIS DO PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO.....	97
3. Trabalho, família e opressão das mulheres negras .....	99
4. <i>Mammies</i> , matriarcas e outras imagens de controle.....	135
5. O poder da autodefinição.....	179
6. A política sexual para as mulheres negras .....	217
7. As relações afetivas das mulheres negras .....	255
8. As mulheres negras e a maternidade.....	291
9. Repensando o ativismo das mulheres negras .....	329
PARTE III – FEMINISMO NEGRO, CONHECIMENTO E PODER .....	365
10. O feminismo negro estadunidense em contexto transnacional .....	367
11. Epistemologia feminista negra .....	401
12. Por uma política de empoderamento .....	433
GLOSSÁRIO .....	459
ÍNDICE REMISSIVO.....	463
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	473
SOBRE A AUTORA.....	495

que compartilharam comigo. Agradeço especialmente aos estudantes, pais, poetas, professores do ensino médio, ativistas e pastores que conheci em minhas viagens. As conversas que tive com vocês se mostraram inestimáveis. Agradeço a todos. Espero que cada um de vocês veja um pouco de si nas páginas a seguir.

## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Quando escrevi *Pensamento feminista negro*, nunca imaginei que suas ideias fossem chegar tão longe. Escrevi este livro por um motivo simples: queria escrever um livro que minha mãe pudesse ter lido. Isso talvez tivesse tornado a vida dela um pouco mais fácil. Ela morreu antes da publicação da primeira edição, muito antes de eu conquistar os títulos acadêmicos, as habilidades e a coragem para acreditar que eu teria condições de escrever um livro, ainda mais um livro como este. No entanto, conforme eu ia escrevendo, ia também falando com ela, por ela e para além dela, honrando sua memória conforme criava um futuro para mim e para as mulheres e meninas negras, um futuro com o qual ela não teria ousado sonhar para si própria. Pela memória da minha mãe, busquei contar as verdades da vida das mulheres afro-americanas, esperando que minha narrativa ecoasse as questões, as lutas, os compromissos e a imensa criatividade das mulheres negras.

Hoje percebo que escrever *Pensamento feminista negro* foi uma forma de ativismo intelectual, uma forma de trabalho criterioso, alicerçado em princípios, visando colocar o poder de nossas ideias a serviço da justiça social. As mulheres negras estão longe de ser as únicas que enfrentam problemas sociais produzidos por raça, gênero, classe, sexualidade, idade, capacidade, nacionalidade e sistemas semelhantes de opressão. Nossas lutas para viver uma vida significativa podem ser organizadas e sentidas de maneira diferente, mas nossas experiências, quando consideradas conjuntamente, revelam por que as ideias continuam sendo fundamentais para as lutas por liberdade, igualdade e justiça social. O compromisso com princípios éticos mais amplos, como esses, nos permite perceber o que temos em comum e, espero, elaborar maneiras de responder coletivamente às injustiças sociais. No entanto, o compromisso que temos com nossas mães, nossos filhos e com as pessoas que tornam nossa vida cotidiana mais bonita lembra aos que se engajaram no ativismo intelectual os motivos pelos quais continuamos a lutar.

Fico honrada por esta tradução de *Pensamento feminista negro* estar chegando às leitoras e aos leitores lusófonos do Brasil, bem como aos de um contexto transnacional mais amplo. Este livro examina as particularidades da vida das mulheres afro-americanas, mas também abre janelas para questões mais universais de justiça social. Como os argumentos do *Pensamento feminista negro* são complexos, ainda que acessíveis, destaco três pontos especialmente importantes para a leitura deste livro.

Primeiro, não conceituo as experiências das mulheres negras nos Estados Unidos como uma verdade universal que se aplica a todas. Meu trabalho nunca teve como objetivo ajudar as mulheres negras a se encaixar em sistemas que ontem e hoje parecem empenhados em enfraquecer nosso espírito e empobrecer nossa alma. O que proponho, ao contrário, é apresentar as mulheres negras como agentes de conhecimento da realidade de nossa própria vida. O pensamento feminista negro constitui um projeto de conhecimento que examina a produção intelectual das mulheres negras em resposta aos desafios específicos que enfrentamos na política dos Estados Unidos e na sociedade estadunidense. Para mim, as mulheres negras não são nem super-heroínas destemidas capazes de conquistar o mundo, nem vítimas oprimidas que precisam ser salvas. Este é um livro sobre mulheres negras comuns que, por meio de suas ideias e ações, visam melhorar sua vida cotidiana. As ideias centrais do feminismo negro refletem a agência das mulheres negras.

Pode ser que alguns detalhes tenham mudado desde que este livro foi publicado pela primeira vez, mas, enquanto os problemas sociais enfrentados pelas mulheres negras continuarem a existir, a resistência das mulheres negras persistirá. Este livro fala das muitas maneiras pelas quais essa resistência das mulheres negras tem buscado reivindicar nosso lugar de direito como seres plenamente humanos. As mulheres negras resistem, seja compartilhando pequenos momentos de amor umas com as outras na vida cotidiana, seja cultivando comunidades nas quais a vida de nossos filhos, de nossos entes queridos e nossa própria vida importam, seja, ainda, criticando as políticas públicas que nos negam acesso a segurança, educação, moradia, emprego e saúde. Os governos mudam, mas a longa história de compromisso e criatividade das mulheres negras persiste nessa luta pela reivindicação de nossa humanidade plena.

Segundo, o pensamento feminista negro nos Estados Unidos é um dentre muitos projetos feministas negros. Diálogos entre expressões variadas do feminismo negro na América Latina, na Europa e na África são há muito

necessários. Temos muito a aprender umas com as outras no que diz respeito à maneira como os sistemas interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade se informam mutuamente em nossas respectivas configurações nacionais. Por exemplo, as afro-alemas enfrentam os perturbadores fantasmas de um virulento nacionalismo branco de meados do século XX que quase levou a Alemanha à destruição. As mulheres migrantes de diversas nações do Caribe e da África Ocidental enfrentam o desafio de criar um feminismo britânico negro sintético que possa acomodar suas histórias distintas. As mulheres negras envolvidas em projetos de construção nacional – por exemplo, as mulheres da Guiné-Bissau, do Senegal ou da África do Sul – percebem que as questões das mulheres assumem diferentes formas e significados nesses contextos distintos. Um engajamento dialógico entre esses e outros projetos feministas negros pode contribuir para o florescimento de cada um deles.

O feminismo afro-brasileiro é fundamental para esses diálogos. As conexões cada vez mais visíveis entre o feminismo afro-brasileiro e o pensamento feminista negro dos Estados Unidos ilustram os possíveis benefícios de um feminismo negro transnacional. Ambos os grupos enfrentam desafios semelhantes: por exemplo, lidar com os legados da escravidão que costumam desvalorizar a condição da mulher negra, bem como elaborar respostas ao racismo antinegro que assume formas específicas conforme o gênero. No entanto, não se pode nem se deve pensar que essas histórias e os feminismos negros produzidos por elas, ainda que semelhantes, sejam um só. As formas que esse racismo assumiu nessas duas sociedades de colonizadores brancos se mostraram extremamente variadas, assim como as relações das mulheres negras com elas. Há imenso potencial para diálogos contínuos entre o feminismo afro-brasileiro e o afro-americano, o que indica possibilidades ainda mais amplas de diálogos semelhantes em um contexto transnacional.

Finalmente, *Pensamento feminista negro* tem como foco as mulheres afro-americanas, mas as questões examinadas aqui vão além das especificidades que o livro apresenta. Não é preciso ser uma mulher negra para compreender como um ativismo intelectual capaz de produzir novos conhecimentos e transformar a consciência pode estimular uma política de empoderamento. Esta tradução pode ser inestimável para tornar minhas ideias e meus argumentos mais acessíveis a você. Mas tradução nenhuma é capaz de tornar as ideias mais significativas. Isso cabe a você. A tarefa de quem lê este livro é identificar como as experiências, reflexões, perguntas e perspectivas ideológicas que a leitora ou

o leitor traz para este livro informam sua interpretação do texto. O significado deste livro não está apenas nas minhas palavras, mas no significado que você, que o lê, atribui a elas.

O racismo, o sexismo, a exploração de classe, o heterossexismo, o nacionalismo e a discriminação contra pessoas com capacidades diferentes e de diferentes idades, etnias e religiões afetam a vida de todos nós. No entanto, encontramos-nos em posições diferentes dentro dessas relações de poder e, como resultado, temos pontos de vista distintos sobre elas. Quais de meus argumentos ecoam suas preocupações? Quais não as ecoam? E, o que é ainda mais importante, por quê? Para que possamos ter diálogos bem fundamentados com os outros, é preciso que cada um de nós aprenda a escrever sua própria história, em vez de procurar um livro único que conte todas as nossas histórias. Precisamos de mais livros que contem as verdades da vida das pessoas que foram reprimidas, mas cuja dignidade, ainda assim, permanece intacta. Talvez seja você a pessoa que vai escrever esse livro, ou, ao menos, aquela que por meio do seu ativismo intelectual vai contribuir para que ele exista.

Fico honrada que muitas e muitos de vocês tenham a oportunidade de ler esta tradução para o português de um livro que eu nunca pensei que iria viajar tão longe. Muitas e muitos de vocês nem haviam nascido quando este livro foi publicado pela primeira vez. No entanto, como *Pensamento feminista negro* atravessou tantos cenários nacionais e, cada vez mais, diferentes gerações, este livro é uma pequena parte de uma conversa global, cada vez mais intensa, a respeito da ética com que devemos tratar uns aos outros. Seja qual for sua situação, compreender como nós, mulheres negras, preservamos nossa humanidade diante da opressão é algo que deveria lhe trazer esperança.

Patricia Hill Collins

6 de maio de 2019

## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1990)

Quando eu tinha cinco anos, fui escolhida para representar a Primavera no desfile de minha pré-escola. Sentada em meu trono, conduzi orgulhosamente um cortejo de crianças caracterizadas como pássaros, flores e as outras estações, “menos importantes”. Estar rodeada de crianças como eu – filhas e filhos de trabalhadores: trabalhadoras domésticas, secretárias e operários de fábricas – afirmava quem eu era. Quando chegou minha vez, recitei minhas poucas falas com maestria, grande entusiasmo e energia. Adorava meu papel por ser a Primavera, a estação da vida e da esperança. Todos os adultos me disseram que meu papel era fundamental e me parabenizaram por ter me saído tão bem. Aquelas palavras e aqueles abraços me fizeram sentir importante e que meus pensamentos, sentimentos e conquistas tinham valor.

À medida que meu mundo se ampliou, aprendi que nem todos concordavam com eles. A partir da adolescência, fui percebendo que eu era cada vez mais a “primeira”, “uma das poucas” ou a “única” afro-americana e/ou mulher e/ou pessoa vinda da classe trabalhadora na escola, na comunidade e no ambiente de trabalho. Eu não via nada de errado em ser quem eu era, mas aparentemente muitos outros viam. Meu mundo estava se expandindo, mas eu me sentia cada vez menor. Tentei desaparecer em mim mesma para desviar das dolorosas agressões diárias destinadas a me ensinar que ser uma mulher afro-americana da classe trabalhadora me fazia ser menos do que quem não o era. À medida que me sentia menor, também me tornava mais e mais calada, até me ver praticamente silenciada.

Este livro corresponde a uma etapa de minha luta contínua para reconquistar minha voz. Ao longo dos anos, tentei substituir as definições da minha vida que vinham de fora – dadas por grupos dominantes – pelo ponto de vista de minha autodefinição. Porém, ainda que minha odisséia pessoal tenha servido para dar origem a este trabalho, hoje sei que minhas experiências não são unicamente

minhas. Longe disso. Assim como as mulheres afro-americanas, muitas outras pessoas que ocupam categorias socialmente preteridas foram silenciadas. A voz que busco hoje, portanto, é tanto individual quanto coletiva, é pessoal e política, e reflete a intersecção de minha biografia única com o significado mais amplo do momento histórico em que vivo.

Compartilho essa parte do contexto que motivou este trabalho porque esse contexto influenciou minhas escolhas em relação ao próprio livro. Em primeiro lugar, empenhei-me em fazer um livro intelectualmente rigoroso, bem fundamentado e acessível não apenas aos poucos afortunados que têm acesso a uma educação de elite. Eu não escreveria um livro sobre ideias das mulheres negras que não pudesse ser lido e compreendido pela grande maioria das afro-americanas. Teorias de todos os tipos são em geral apresentadas de forma tão abstrata que só podem ser entendidas por uns poucos. Essa definição, apesar de altamente satisfatória para os acadêmicos, exclui os que não falam a língua das elites e, assim, reforça as relações sociais de dominação. As elites cultas costumam dizer que são as únicas qualificadas para produzir teoria, e acreditam deter a capacidade exclusiva de interpretar não só sua própria experiência, mas também a de todos os outros. Além disso, as elites cultas geralmente lançam mão dessa crença para manter seus privilégios.

Senti que era importante analisar a complexidade de ideias que existem tanto na vida acadêmica quanto na vida cotidiana e apresentar essas ideias de uma maneira acessível, sem que isso as tornasse menos poderosas ou rigorosas. Abordar a teoria dessa forma desafia tanto as ideias das elites cultas quanto o papel da teoria na manutenção das hierarquias de privilégio. Este volume é um trabalho teórico porque reflete tradições teóricas diversas, como a filosofia afrocêntrica, a teoria feminista, o pensamento social marxista, a sociologia do conhecimento, a teoria crítica e o pós-modernismo; contudo, o vocabulário padrão dessas tradições, as citações das obras e dos autores fundamentais, bem como os termos em si, raramente aparecem no texto. Para mim, o que importa são as ideias, não os rótulos que vinculamos a elas.

Em segundo lugar, ponho no centro da análise as experiências e as ideias das mulheres negras. Essa centralidade pode ser desconcertante para quem se acostumou a ver grupos subordinados, como o das afro-americanas, enquadrar suas ideias da forma mais conveniente para os poderosos. Por exemplo, feministas brancas de classe média encontrarão poucas referências ao chamado pensamento feminista branco. Escolhi deliberadamente não começar com

premissas feministas desenvolvidas a partir das experiências de mulheres brancas ocidentais de classe média para em seguida apresentar ideias e experiências de afro-americanas. Ainda que eu tenha bastante familiaridade com teóricas feministas brancas contemporâneas e históricas, e certamente valorize suas contribuições para nossa compreensão de gênero, este livro não é sobre o que as mulheres negras pensam das ideias das feministas brancas nem sobre como as ideias das mulheres negras se comparam às ideias das teóricas feministas brancas consagradas. Assumo uma postura semelhante em relação à teoria social marxista e ao pensamento afrocêntrico. Para captar as interconexões entre raça, gênero e classe social na vida das mulheres negras e seus efeitos no pensamento feminista negro, recusei-me explicitamente a basear minha análise em qualquer tradição teórica única.

É comum grupos oprimidos serem ouvidos apenas quando enquadramos nossas ideias em uma linguagem familiar e confortável para um grupo dominante. Esse requisito muitas vezes modifica o significado de nossas ideias e contribui para fortalecer as ideias dos grupos dominantes. Neste livro, ao situar as ideias das mulheres afro-americanas no centro da análise, não só privilegio tais ideias como incentivo feministas brancas, homens afro-americanos e todos os demais a investigar as semelhanças e as diferenças entre seus próprios pontos de vista e os das afro-americanas.

Em terceiro lugar, fiz deliberadamente várias citações a uma série de pensadoras afro-americanas, algumas bem conhecidas e outras das quais raramente se ouve falar. A opção explícita por basear minha análise em múltiplas vozes lança luz sobre a diversidade, a riqueza e o poder das ideias das mulheres negras como parte de uma comunidade intelectual de afro-americanas que vem de longa data. Além disso, essa abordagem vai contra a tendência, em vigor na produção acadêmica dominante, de canonizar umas poucas mulheres negras como porta-vozes do grupo e recusar-se a ouvir qualquer outra que não essas eleitas. Embora seja tentador obter reconhecimento pelas próprias conquistas, minhas experiências como a “primeira”, “uma das poucas” e a “única” me mostraram que escolher uns poucos e usá-los para controlar muitos pode ser eficiente para asfixiar grupos subordinados. Pressupor que apenas algumas mulheres negras excepcionais foram capazes de criar teoria acaba por homogeneizar as afro-americanas, silenciando a maioria delas. Na contramão dessa abordagem, defendendo que a teoria e a criatividade intelectual não são domínio de poucos, mas, ao contrário, emanam de toda uma variedade de pessoas.

Em quarto lugar, ao redigir o original deste livro, usei uma metodologia específica que ilustra como pensamento e ação podem trabalhar juntos em benefício da produção da teoria. Grande parte de minha formação acadêmica formal foi concebida para me mostrar que, a fim de construir um trabalho intelectual válido, devo me afastar de minha comunidade, de minha família e até de mim mesma. Em vez de pensar o cotidiano como uma influência negativa em minha teorização, tentei ver como as iniciativas e ideias cotidianas das mulheres negras que fazem parte da minha vida refletiam as questões teóricas que eu afirmava serem tão importantes para elas. Sem dispor de verba para pesquisa, bolsa de estudo, licença-prêmio nem outros benefícios que possibilitam aos acadêmicos tomar distância da vida cotidiana e contemplar os contornos e o significado dela, escrevi este livro quando estava totalmente imersa em atividades comuns que me colocaram em contato com várias mulheres afro-americanas. Enquanto cuidava de minha filha, orientava graduandas negras, dava assistência a um grupo de escoteiras e participava de outras atividades “não acadêmicas”, reavaliava também o modo como me relacionava com uma série de mulheres afro-americanas e como elas se relacionavam umas com as outras. A teoria me permitiu renovar o olhar sobre todas essas associações, ao mesmo tempo que experiências concretas desafiavam as visões de mundo definidas pela teoria. Durante esse período de autorreflexão, o trabalho neste original avançou lentamente, e produzi pouca “teoria”. Sem esse envolvimento com o cotidiano, no entanto, a teoria aqui presente seria muito mais pobre.

Em quinto lugar, para demonstrar a existência e a autenticidade do pensamento feminista negro, apresento-o como coerente e fundamentalmente completo. Esse retrato contrasta com minha visão de que a teoria raramente é construída de modo harmonioso. A maior parte das teorias se caracteriza pela instabilidade interna, passa por contestação e é dividida em razão de divergências de ênfases e interesses. Quando ponderei que o pensamento feminista negro se inscreve atualmente em um contexto político e intelectual mais amplo, que desafia o próprio direito de existência desse pensamento, decidi não chamar atenção para suas contradições, fricções e inconsistências. Em vez disso, apresento o pensamento feminista negro como ostensivamente coerente, mas faço essa opção por suspeitar que ela seja mais apropriada para o momento histórico que vivemos. Espero ver a publicação de outras obras, mais determinadas a apresentar o pensamento feminista negro como um mosaico de ideias e interesses divergentes. Concentrei-me nas peças do mosaico – talvez outras

peças venham a enfatizar as disjunções que possibilitam distinguir as peças do mosaico umas das outras.

Por fim, escrever este livro me convenceu da necessidade de reconciliar subjetividade e objetividade na produção acadêmica. Inicialmente, eu acreditava que seria impossível combinar minha formação como cientista social “objetiva” e minhas experiências cotidianas como mulher afro-americana. Mas reconciliar o que fomos treinadas a ver como opostos – uma reconciliação assinalada pela inclusão de mim mesma no texto, usando “eu”, “nós” e “nosso”, em vez de termos mais distantes, como “elas” ou “uma” – foi libertador. Descobri que abordar o pensamento feminista negro focando nas convergências, e não nas divergências, me permitiu ser ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, ter uma consciência ao mesmo tempo afrocêntrica e feminista e ser tanto uma acadêmica respeitável quanto uma mãe satisfatória.

Quando comecei este livro, tive de superar minha relutância a transpor minhas ideias para o papel. “Como eu, uma única pessoa, posso falar por um grupo tão grande e complexo quanto as mulheres afro-americanas?”, perguntei a mim mesma. A resposta é que não posso nem devo, porque cada uma de nós deve aprender a falar por si mesma. Ao longo da escrita, passei a ver meu trabalho como parte de um processo maior, como uma voz em um diálogo entre pessoas que foram silenciadas. Sei que nunca mais vivenciarei a curiosa combinação de ingenuidade e confiança inabalável que senti quando interpretei a Primavera. Espero, porém, reconquistar os elementos honestos, genuínos e empoderadores da voz da Primavera. Minha esperança, acima de tudo, é que mais pessoas, outrora e ainda hoje silenciadas, encontrem sua própria voz. Eu, pelo menos, quero ouvir o que elas têm a dizer.

## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO (2000)

A princípio, escrevi *Pensamento feminista negro* como contribuição para o empoderamento das mulheres afro-americanas. Eu sabia que a mulher negra pode se empoderar quando sua consciência a respeito do modo como ela entende a vida cotidiana se transforma. Tal consciência pode estimulá-la a seguir um caminho de liberdade pessoal, mesmo que essa liberdade exista primordialmente em seu próprio pensamento. Se ela tiver a sorte de conhecer outras pessoas que estejam vivenciando trajetórias semelhantes, poderá mudar com elas o mundo a seu redor. Se as ideias, os conhecimentos e a consciência podem ter um impacto tão expressivo em cada mulher negra, que efeito podem ter sobre as mulheres negras como grupo? Eu suspeitava que as afro-americanas haviam produzido um conhecimento coletivo que servia a um propósito similar na promoção do empoderamento das mulheres negras. *Pensamento feminista negro* teve como objetivo documentar a existência desse conhecimento e esboçar seus contornos.

Meu objetivo de examinar como o conhecimento pode promover o empoderamento das mulheres afro-americanas permanece inalterado. O que mudou, no entanto, foi a maneira como compreendo o significado do empoderamento e do processo necessário para que ele aconteça. Hoje reconheço que o empoderamento das afro-americanas nunca será possível em um contexto caracterizado pela opressão e pela injustiça social. Um grupo pode conquistar poder em tais situações dominando outros, mas esse não é o tipo de empoderamento que encontrei no pensamento produzido por mulheres negras. Ao ler o trabalho intelectual de mulheres negras, vim a perceber que podemos estar centrados em nossas próprias experiências e ao mesmo tempo em coalizão com outras pessoas. Nesse sentido, o pensamento feminista negro trabalha em favor das mulheres negras, mas o faz em conjunção com outros projetos similares de justiça social.

O aprofundamento de minha compreensão a respeito do empoderamento motivou argumentos mais complexos sobre várias ideias apresentadas na primeira

edição deste livro. Por um lado, ao longo desta revisão, enfatizo o propósito do pensamento feminista negro, a saber, a promoção *tanto* do empoderamento das mulheres negras *quanto* das condições de justiça social. Ambos os temas estavam presentes na primeira edição, mas nenhum foi desenvolvido de forma tão completa como aqui. Tal ênfase no empoderamento e na justiça social permeia esta edição revista e é especialmente evidente no capítulo 2, no qual substituí minha tentativa de "definir" o pensamento feminista negro por uma discussão que identifica as características distintivas dele. Essa mudança me permitiu enfatizar dimensões particulares que caracterizam o pensamento feminista negro, mas não lhe são exclusivas. Também deu espaço para que outros grupos engajados em projetos semelhantes de justiça social reconheçam dimensões de seu próprio pensamento e prática. Tentei fazer frente ao pensamento binário que estrutura tantas definições ocidentais, inclusive as que eu mesma já tive a respeito do pensamento feminista negro e da epistemologia feminista negra. Em vez de traçar uma linha rígida em torno do pensamento feminista negro, visando classificar entidades como feministas negras *ou* não, busquei uma fluidez maior, sem abrir mão do rigor lógico.

Minha análise da opressão também é mais complexa nesta edição, em parte porque nem o empoderamento nem a justiça social podem ser alcançados sem que haja alguma noção do que se está tentando mudar. Embora as duas edições se baseiem em um paradigma de opressões interseccionais para analisar as experiências das mulheres negras, esta o faz de modo mais abrangente. Os estudos de raça, classe e gênero estavam se estabelecendo quando escrevi a primeira edição. Assim como essa área de pesquisa tem se expandido desde a escrita inicial do livro, também meu referencial se ampliou. Por exemplo, nesta edição, minha análise inclui a sexualidade, além da raça, da classe e do gênero, como fator de opressão. Questões de classe social e cultura também recebem uma análise mais complexa. Na primeira edição havia especial preocupação com questões da cultura negra, mas se tratou menos de classe social. Aspectos de cultura e classe estavam presentes, contudo não na mesma proporção desta edição. Não houve mudança substancial nos argumentos, mas acredito que aqui eles são desenvolvidos de forma mais efetiva.

Nesta edição também dou maior ênfase às *conexões* entre conhecimento e relações de poder. Sempre enxerguei relações constitutivas entre o feminismo negro como projeto de justiça social e o pensamento feminista negro como seu centro intelectual. Em outras palavras, o ativismo das mulheres afro-americanas

e o pensamento feminista negro como filosofia intelectual e política fundamental para esse esforço estão, para mim, intrinsecamente ligados. Essas ligações são contínuas, mas, à medida que as condições sociais mudam, tais laços devem também ser repensados.

Repensar o empoderamento também me levou a incorporar novos temas nesta edição. Por exemplo, agora falo bem mais da nação como forma de opressão. Incorporar ideias sobre nação me possibilitou introduzir uma dimensão transnacional, global. Embora a discussão da política transnacional e da economia global neste livro seja preliminar, senti que era importante incluí-la. As estadunidenses negras devem continuar a lutar por nosso empoderamento, mas, ao mesmo tempo, devemos reconhecer que o feminismo negro nos Estados Unidos faz parte de um contexto mais amplo de luta pela justiça social, o qual transcende as fronteiras do país. O feminismo negro estadunidense deve, em particular, se dar conta dos pontos comuns que unem as mulheres de ascendência africana, bem como das diferenças que surgem de nossas histórias nacionais diversas. Ainda que esta edição mantenha o foco nas estadunidenses negras, aborda também questões sobre o modo como elas se posicionam em relação ao feminismo negro global.

Oferecer análises mais complexas desses temas exigia tentar manter os principais argumentos da primeira edição e, ao mesmo tempo, alterar sua expressão limitada no tempo. Os contextos políticos e intelectuais mudam, bem como a linguagem usada para descrevê-los. Algumas mudanças na terminologia refletem mudanças positivas quanto aos usos. Outras sinalizam questões políticas mais profundas. Os casos mais interessantes são aqueles em que a linguagem se mantém, mas o significado ligado a ela muda. Foi sem dúvida o que aconteceu com o termo *afrocentrismo*, que usei na primeira edição. O *afrocentrismo*, tal como compreendido nas décadas de 1970 e 1980, referia-se às influências africanas na cultura, na consciência, no comportamento e na organização social dos afro-americanos. Apesar da considerável diversidade de pensadores que adotaram esse paradigma, as análises afrocentricas em geral afirmavam que os afrodescendentes têm criado e recriado um sistema valioso de ideias, práticas sociais e culturas essenciais para a sobrevivência dos negros. Na década de 1990, no entanto, a mídia e alguns segmentos do ensino superior nos Estados Unidos atacaram o termo, assim como quem o utilizava. Efetivamente desacreditado, o termo *afrocentrismo*, no momento em que escrevo, refere-se às ideias de um pequeno grupo de profissionais dos *black studies* com

os quais tenho discordâncias significativas, principalmente no que diz respeito ao tratamento de gênero e sexualidade. Para mim, as principais ideias do afrocentrismo, definidas em sentido mais geral, continuam a ter mérito, mas o termo em si é tão imbuído de valores que sua utilidade acaba prejudicada. É possível que os leitores familiarizados com a primeira edição notem que retive as principais ideias de um afrocentrismo definido de forma mais geral, mas substituí outros termos.

A proposta de apresentar análises mais complexas e, ao mesmo tempo, manter os principais argumentos da primeira edição me levou a modificar a organização geral do volume. A fim de fortalecer minhas análises, mudei a ordem de partes do texto e até alguns capítulos, sempre tomando o cuidado de omitir muito pouco do que estava presente na primeira edição. Em virtude dos desenvolvimentos no campo da sexualidade, por exemplo, expandi os dois capítulos que tratam da política sexual relativa à condição de mulher negra e desloquei-os para um ponto anterior do livro. Essa nova localização me permitiu fortalecer as ideias sobre a sexualidade no restante da obra. Da mesma forma, passei grande parte do material apresentado no último capítulo da primeira edição para capítulos anteriores. No lugar dele, apresento um novo capítulo acerca da política do empoderamento, que constitui a pedra angular do livro como um todo.

Os leitores familiarizados com a primeira edição verão que os três capítulos da Parte III foram os mais afetados por essa reorganização. Essas mudanças na Parte III, no entanto, permitiram-me apresentar uma análise mais rica, em termos de teoria, das conexões entre conhecimento e poder. No geral, os argumentos da primeira edição estão presentes, mas às vezes em lugares novos e inesperados.

Apreendi muito revisando a primeira edição de *Pensamento feminista negro*. Em particular, a experiência subjetiva de escrever a primeira edição em meados da década de 1980 foi significativamente diferente da experiência de revisá-la agora. Lembro-me de como foi difícil escrever a primeira edição. Naquela época, eu estava preocupada sobretudo com a expressão de minha voz, em dar forma ao espaço intelectual e político que me permitiria ser ouvida. Como aponta o prefácio da primeira edição\*, eu considerava que minhas lutas individuais eram representativas das lutas coletivas das mulheres negras pela reivindicação

\* Ver, neste volume, p. 15. (N. E.)

de um espaço intelectual e político similar. Os acontecimentos no contexto da publicação da primeira edição envolveram uma luta considerável. Um mês antes do lançamento de *Pensamento feminista negro*, toda a equipe que havia trabalhado no livro foi sumariamente demitida, vítima da aquisição da empresa por outra. Ficamos todos em choque. Durante o primeiro ano na nova editora, o livro recebeu pouca divulgação. Apesar da invisibilidade nos meios de comunicação, a primeira tiragem de *Pensamento feminista negro* se esgotou rapidamente. Eu me sentia desanimada. Tinha trabalhado duro, e parecia que tudo havia sido levado de mim num piscar de olhos. Felizmente, naquele ano terrível que antecedeu a venda do livro para a editora atual [em língua inglesa], os leitores de *Pensamento feminista negro* o mantiveram vivo. Compartilhavam exemplares, tiravam fotocópias dos capítulos e faziam divulgação boca a boca, uma forma eficaz de publicidade. Sou até hoje profundamente grata a quem leu a primeira edição; sem essas pessoas, este livro teria desaparecido.

Minha situação é diferente agora. Sinto-me menos preocupada com a expressão de minha voz em si, porque sei com que velocidade ela nos pode ser tirada. Minha preocupação agora é encontrar formas eficazes de usar essa voz que reivindiquei enquanto a tenho. À medida que enfrento novos desafios, novos desafios também se apresentam às estadunidenses negras e ao pensamento feminista negro como conjunto de saberes autodefinidos. Também me preocupa o futuro do pensamento feminista negro, visto que ele está sendo criado em condições muito mudadas. No entanto, enquanto o pensamento feminista negro – ou qualquer outro termo que venhamos a escolher no futuro para nomear esse trabalho intelectual – continuar dedicado a promover o empoderamento das mulheres negras e a justiça social em escala mais ampla, pretendo usar minha voz para apoiá-lo. Reconheço que a luta por justiça é maior que qualquer grupo, indivíduo ou movimento social. Ela certamente transcende qualquer livro, inclusive o meu. Para mim, a injustiça social é um problema coletivo que requer uma solução coletiva. Quanto a meu trabalho, o fundamental é que ele contribua para esse fim.